

OS CARIOCAS, TODOS OS
AMANTES DA ARTE E
AS ALMAS DE
PICASSO, PORTINARI
E GAUGHIN, A UMA SÓ
VOZ, PERGUNTAM:

Quem é o pé frio que conseguiu
provocar o incêndio no Museu de
Arte Moderna do Rio de Janeiro?

O MUSEU

O incêndio do MAM me pegou praticamente com o pé na ponte aérea, a caminho da 30ª Reunião da SBPC. Gostaria de ter participado do mutirão que artistas, críticos e amigos do museu começaram a articular, sábado à noite, tendo à frente, com o entusiasmo juvenil que o tempo não lhe consegue tirar, o crítico Mário Pedrosa. Tenho com o MAM vínculos afetivos muito estreitos e antigos. Vi-o nascer sobre o chão onde, poucos anos antes, foi posta a mesa do Congresso Eucarístico. Vi-o crescer, sempre do mesmo ângulo privilegiado: o jardim suspenso (hoje Praça Glauce Rocha) que fica defronte à casa do Paschoal Carlos Magno, em Santa Teresa, de quem fui vizinho até a adolescência. E onde, embevecido, assisti às primeiras filmagens da minha vida: "Carnaval em Marte" e "Orfeu Negro" — ninguém é perfeito. Foi no MAM que comecei a trabalhar a sério, com horário, paletó e gravata. Era conselheiro da Cinemateca, 1962.

Puxa, até parece necrológio. Cabeça fria, o museu não morreu. Talvez só tenha morrido uma concepção superada de se fazer museu. De suas cinzas renascerá um fênix, necessariamente diferente.

É ISSO AÍ



SÉRGIO AUGUSTO

arte contemporânea